

OFICINAS DE FOTOGRAFIA NA PESQUISA-INTERVENÇÃO: CONSTRUÇÃO DE COLETIVOS DE TRABALHO

Lúcia Regina Rudit Dias
Andréa Vieira Zanella
Jaqueline Tittoni

Resumo: O presente artigo analisa as contribuições de oficinas de fotografia na construção de coletivos de trabalho. Três diferentes equipes foram investigadas: duas no Brasil (assistência social governamental e assistência universitária em direitos de gênero) e uma na Suíça (animação sociocultural). As oficinas de fotografia foram planejadas não como uma técnica isolada, mas como uma maneira de investir em compromissos éticos, estéticos e políticos das trabalhadoras, bem como, na pesquisa como trabalho coletivo. As oficinas de fotografia contribuíram para a constituição de resistências a processos de individualização e na emergência de processos de criação no trabalho, respeitando as singularidades das equipes.

Palavras-chave: Oficinas de fotografia, assistência social e jurídica, coletivo, trabalho.

Photography workshops in the intervention research: building working collectives

Abstract: The aim of this study is to analyze the contributions of photography workshops to build working collectives. Three different groups are investigated, two in Brazil (governmental social assistance and university legal assistance in gender rights) and one in Switzerland (a sociocultural animation group). Photography workshops were planned not as an isolated technique, but as a form of investing in ethical, esthetical and political compromises of the female workers as well as in the research as a collective work. These workshops contributed to the constitution of resistances to individualization processes and the emergence of creation processes in the work, respecting the singularities of groups.

Keywords: Photography workshops, social and legal assistance, working collectives, work.

Talleres de fotografía en la investigación-intervención: la construcción de colectivos de trabajo

Resumen: Este artículo analiza las contribuciones de los talleres de fotografía en la construcción de colectivos de trabajo. Se investigaron tres equipos diferentes: dos en Brasil (asistencia social del gobierno y asistencia académica en los derechos de género) y en Suiza (animación sociocultural). Los talleres de fotografía no se planearon como una tecnología aislada, sino como una manera de invertir en los compromisos éticos, estéticos y de los derechos políticos de los trabajadores y en la investigación como un trabajo colectivo. Los talleres de fotografía contribuyeron a la creación de resistencia a los procesos de individualización y la aparición de procesos creativos en el trabajo, respetando las singularidades de los equipos.

Palabras clave: Talleres de fotografía, asistencia social y jurídica, colectivo, trabajo.

Introdução

Este artigo tem como objetivo problematizar as contribuições de oficinas de fotografia para a construção de coletivos de trabalho em pesquisas-intervenções realizadas com trabalhadoras¹ da assistência social e da assistência jurídica. As reflexões trazidas são fruto de uma trajetória de pesquisa da autora principal com trabalhadoras desses campos: uma das pesquisas, de mestrado, foi realizada com treze trabalhadoras de um serviço de assistência e assessoria jurídica universitária (SAJU) em direitos de gênero de uma universidade federal brasileira (DIAS, 2011). Outra pesquisa, de doutorado, foi realizada com vinte e duas trabalhadoras do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), mais especificamente, de um Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) situado no sul do Brasil. Com o período de estágio sanduíche no exterior, foi possível realizar uma parte do estudo com três trabalhadoras sociais da cidade de Lausanne, na Suíça, que desenvolvem atividades

junto a uma fundação (FASL) conveniada com a prefeitura. Essa fundação conta com 16 equipes de trabalho que prestam serviços de animação sociocultural nos diversos bairros da cidade, sendo que o trabalho foi desenvolvido junto a uma delas.

A produção acadêmica na área da psicologia sobre assistência social vem se intensificando nos últimos anos, porém é ainda incipiente quando relacionada à assistência jurídica e à trabalho². Tal escassez talvez seja reflexo de uma conjuntura mais ampla, pois as políticas públicas de assistência social (PPAS) no Brasil são historicamente recentes. Em função disto, os modelos de atuação profissional encontram-se ainda em construção (OLIVEIRA, 2012, p. 40) e, muitas vezes, em descompasso com as necessidades de intervenção, carecendo, as profissionais, de práticas inventivas que se abram para um movimento de criação (DALMASO, 2010; MOTTA; SCARPARO, 2013; OLIVEIRA, 2012; SENRA, 2009). Pois as pesquisas realizadas pela autora principal com a orientação das coautoras buscaram contribuir para a construção de tais práticas.

Nos diferentes contextos a pesquisa-intervenção foi a estratégia metodológica adotada para o desenvolvimento das pesquisas. O diário de pesquisa, por sua vez, foi a ferramenta principal para o registro das inúmeras atividades diárias acompanhadas pela pesquisadora em cada local, bem como para o registro das atividades propostas, a saber, entrevistas, conversas informais³ e oficinas de fotografia. São justamente essas oficinas e sua potência para a construção de coletivos de trabalho o foco de análise neste artigo.

Sobre pesquisa-intervenção: breves apontamentos

A escolha da maneira de fazer pesquisa e de suas ferramentas não é aleatória ou ingênua, mas baseada na possibilidade de operar uma intervenção no sensível⁴, amparada pelos pressupostos éticos, estéticos e políticos da pesquisa-intervenção. Muito utilizada na psicologia social brasileira, essa modalidade de pesquisa tem um colorido próprio que se compõe ao longo do tempo através de sua história de herança das pesquisas participativas (pesquisa-ação e pesquisa participante) (ROCHA; AGUIAR, 2003) mesclada aos fatos histórico-políticos de repressão das décadas de 1960, 1970 e início dos anos 1980 em nosso país. Desse contexto histórico é que se constituiu um campo de estudo preocupado em demonstrar que a pesquisa neutra não existe, pois, qualquer que seja a presença de uma pesquisadora em um campo, já demarca uma diferença, uma intervenção (MARASCHIN, 2004).

A palavra intervenção, entretanto, no campo mais específico da pesquisa-intervenção, demarca uma postura e uma intenção que é a de “criar um dispositivo de análise social coletiva” (LOURAU, 1993, p. 28), de pesquisar com, em um processo onde, através da pesquisa, transformam-se tanto a pesquisadora, os sujeitos de pesquisa, bem como o próprio contexto do qual ativamente fazem parte/participam. Trata-se de uma postura pautada na visão de construção conjunta de conhecimentos que percebe que a realidade, enquanto algo monofônico, unívoco, não existe. O que existe são multiplicidades de visões, falas e atos que constituem olhares, dizeres e fazeres, por vezes próximos, por vezes distanciados. Um campo pleno de tensões, dispersões e regularidades em uma disputa de poderes (FOUCAULT, 1995a).

Essa compreensão evidencia a condição ética e política da pesquisa-intervenção que toma a noção de poder enquanto relação. Longe da noção de poder estratificado, o poder que se apresenta

como foco para a pesquisa-intervenção evidencia a dimensão micropolítica de uma teia de enfrentamentos constantes entre pessoas ou grupos, numa relação agonística (FOUCAULT, 1995a). Esses enfrentamentos, de diferentes dimensões e intensidades, produzem efeitos que interessam à pesquisa-intervenção problematizar, pois, de sua análise, realizada pelas pessoas envolvidas no processo, podem emergir possibilidades de relações outras. A opção por uma postura política agonística não tem a intenção, então, de apaziguar ou neutralizar o antagonismo que acompanha a construção de coletivos de trabalho, mas, ao contrário, mobilizar as paixões e colocá-las em cena, sabendo que, na construção de um nós é preciso fomentar a ideia de que o outro, diferente de mim, não é “um inimigo a abater”, mas um “adversário de legítima existência” com o qual é necessário dialogar (MOUFFE, 1996, p. 8).

No caso dos campos citados, a intervenção portou uma preocupação ética com o momento de trabalho de cada grupo, seus desejos, suas necessidades. Uma pesquisa que não é pautada pelo desejo da pesquisadora somente, mas por uma negociação constante entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa. Sendo assim, não se trata de uma pesquisa estável que se apresenta como um projeto a ser executado, mas de um projeto que se movimenta e se modifica ao longo de toda sua execução, compondo interesses e olhares com as tensões, dispersões e regularidades do campo de trabalho.

A pesquisadora que opta pela pesquisa-intervenção sabe que é uma pesquisadora implicada (LOURAU, 1993), que não fala de qualquer lugar, mas como sujeito situado num momento histórico-social que parte de certas condições de possibilidade. É sujeito de um determinado tempo e espaço marcado por tensões étnicas, de gênero e classe social constituintes das características de cada pessoa e das relações que estabelecem.

A pesquisa-intervenção se caracteriza, ainda, por uma dimensão estética, pautada na análise daquilo que serve e daquilo que se quer mudar, em um processo de criação de alternativas. Trata-se aqui, de estética, como “um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento” (RANCIÈRE, 2010, p. 13). Um sensível onde não existe apenas um objeto dado a ser visto, ouvido e dito, nem um sujeito a priori a ver, ouvir, dizer e pensar. Existem modos de visibilidade, audibilidade, dizibilidade e pensabilidade compartilhados, porém marcados por uma partilha desigual do sensível a instituir fronteiras e limites sobre o que pode e deve ser visto, ouvido, dito e pensado e sobre quem tem o direito de fazê-lo (RANCIÈRE, 2012b).

Mas aquilo que se vê, ouve, diz e pensa pode ser reconfigurado, assim como o lugar daquele que vê, ouve, diz e pensa pode ser. Também as fronteiras entre aqueles que podem ou não ver, dizer, ouvir e pensar determinadas coisas podem ser embaralhadas, tensionando a partilha do sensível instituída (RANCIÈRE, 2009).

A pesquisa-intervenção é, então, a construção de um campo, dos próprios sujeitos de pesquisa e da pesquisadora, de um tema, de um conhecimento, de um saber. Como tal, mostra-se potente para a constituição de uma prática de si tanto da pesquisadora como dos sujeitos de pesquisa, de “um exercício de si sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2006a) que visa a produção de relações outras, de modos outros de com-viver. Transformação dos outros com os quais se pesquisa e da própria pesquisadora

que se torna outra na interação com o campo. Trata-se de uma transformação micropolítica que transforma o que é possível ser transformado dentro dos fluxos de permanência e impermanência.

Vejamos o que pode o trabalho com fotografia nesse processo de pesquisa-intervenção.

As oficinas de fotografia: os encontros das trabalhadoras com as imagens

Segundo Houaiss e Villar (2008), uma oficina é um lugar onde se fabrica algo. Isso foi o que nos levou a realizar oficinas de fotografia com trabalhadoras: a ideia de produção. Uma produção conjunta entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa.

Para Spink, Menegon e Medrado (2014), as oficinas são espaços de negociação que portam um potencial de produção coletiva de sentidos. Como espaços de negociação, as oficinas são espaços de deslocamentos, tensões e contrastes, onde o que emerge nem sempre é consensual, mas “versões sobre o mundo e sobre nós mesmos” (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 41). Elas possuem, por conseguinte, um caráter criativo e político, sendo “espaços privilegiados para estudar as relações de poder [...] que produzem regimes de verdade e formas de resistência.” (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 34). As oficinas são, então, espaços de produção de novos sentidos, de saberes, de relações, do mundo e de si. Para Silva e Barros (2013, p. 1331), mais do que analisar as formas de dominação e sofrimento existentes, tais oficinas provocam “as possibilidades que os trabalhadores têm de criar e recriar recursos para sua atividade profissional”.

Para além do exposto pelas autoras citadas acima tomamos a fotografia, em seu sentido produtivo, também como forma de intervenção nos jogos de visibilidades (TITTONI, 2009).

As oficinas de fotografia foco de análise neste trabalho aconteceram, como anteriormente referido, em 3 diferentes contextos e com número variado de participantes.

No caso das trabalhadoras da assistência e assessoria jurídica, tratava-se de uma equipe que já havia participado de uma pesquisa de mestrado que fez uso de imagens (OLIVEIRA, 2010). Em decorrência, as imagens, como dispositivo para intervir nas visibilidades, dizibilidades, audibilidades e pensabilidades, já eram familiares. Imagens em forma de recortes de revistas e jornais, bem como fotografias produzidas ou manipuladas serviam como dispositivos de trabalho internos à equipe ou com as comunidades atendidas. Mesmo quando não produzidas através de uma câmera fotográfica, as imagens se faziam presentes nas reuniões semanais do grupo como recurso, por exemplo, para contar alguma experiência relativa ao trabalho.

Por ocasião do segundo acompanhamento desta mesma equipe de assistência e assessoria jurídica, também dentro da conjuntura de uma pesquisa de mestrado, no ano seguinte, a situação era outra. Tratava-se de um grupo renovado em virtude da troca anual de alguns estudantes que deixavam o trabalho voluntário no serviço para dedicarem-se a outras atividades universitárias. Embora muitas trabalhadoras já tivessem familiaridade com a reflexão sobre imagens, muitas das trabalhadoras novas não o tinham. Sendo assim, foi realizada inicialmente uma oficina de sensibilização. Essa oficina, ancorada nas ideias de inúmeros autores (DUBOIS, 1993; FLUSSER, 2002; FOUCAULT, 1998; SONTAG, 2004) tem por objetivo desconstruir a noção costumeira da fotografia como representação. Tal sensibilização é desenvolvida através de imagens que não fazem relação com a realidade concreta, como as presentes, por exemplo, no trabalho de Vik Muniz⁵. A oficina de sensibilização procura, ainda,

problematizar o aspecto produtor da imagem e de processo, a partir da ideia de Dubois (1993) de que não é possível pensar a fotografia fora de seu contexto constitutivo.

A equipe de trabalhadoras da assistência jurídica encontrava-se em plena discussão, já há quase um ano, sobre sua transformação de um grupo de assistência para um grupo de assessoria jurídica. Essa discussão se dava no contexto de uma entidade polarizada entre grupos de assistência que realizavam um trabalho de atendimento individual e, portanto, tido pelos grupos de assessoria como assistencialista, individualista, formalista, paternalista e marcado pela visão liberal. Já os grupos de assessoria se pautavam pela visão da sociologia jurídica crítica, preocupados com a participação popular e com a busca de processos de emancipação social (FURMANN, 2005; LUZ, 2008).

Com a intenção de problematizar o próprio processo de mudança da equipe, a pesquisadora solicitou que cada trabalhadora fizesse três ou quatro fotografias sobre o “processo de trabalho” do grupo. Ou seja, foi pedido que as próprias trabalhadoras se colocassem no lugar de fotógrafas na intenção de que o olhar através da câmera evidenciasse a constituição de um ponto de vista e o deslocamento do próprio olhar, pois assumir o lugar de fotógrafo e ver através da intermediação de um aparelho já opera mudanças no ver (BENJAMIN, 1994; FLUSSER, 2002; ZANELLA, 2009; DIAS, 2016). Quer dizer, provoca questões antes não pensadas ou altera a forma de vê-las. As trabalhadoras tiveram duas semanas para produzir as imagens com qualquer aparelho fotográfico que tivessem disponível: câmeras próprias, emprestadas por amigos ou familiares ou, ainda, celulares. Após o momento de “ser fotógrafa”, as imagens foram encaminhadas para a pesquisadora por e-mail. O conjunto de imagens foi organizado por autora e, em um momento de reunião semanal, as fotografias foram projetadas para a equipe que começou uma grande discussão sobre as mesmas. O trabalho de olhar as fotografias, falar sobre o momento da produção e discutir as temáticas que foram surgindo, demandou quatro encontros que duraram entre uma e duas horas.

Já o trabalho junto ao CREAS se deu de forma diferente. O momento era delicado e tenso devido à saída de várias trabalhadoras da equipe em um mesmo momento. Ao final de uma reunião de equipe e em meio à uma conversa informal com algumas trabalhadoras, que ainda não haviam dispersado, emergiu o assunto de como o CREAS se constituiu, quais os trabalhos que desempenhavam na época e como eles foram se ampliando e, ainda, a importância das trabalhadoras nesse processo de construção. Nesse momento de descontração e de lembrança de fatos ao mesmo tempo difíceis e engraçados, a coordenadora do CREAS se voltou para a pesquisadora e disse: “Tu precisas ver as fotos que temos dessa época, quando ainda trabalhávamos apertados só no segundo andar deste prédio que era separado por uma grade, pois ainda não tinha sido completamente desocupado por um outro setor que trabalhava aqui” (Falas das trabalhadoras do CREAS)⁶. Aos ouvidos da pesquisadora emergia, na fala da coordenadora, a pista para o trabalho com as dizibilidades, visibilidades e pensabilidades que poderia contribuir para uma (re)construção e (re)novação da história do grupo, daquela equipe que necessitava continuar sua caminhada em meio às dores das inúmeras perdas e das incertezas de uma continuidade do trabalho.

O convite foi aceito e a pesquisadora mergulhou em uma imensa coleção de fotografias, arquivadas em computador e impressas. Após esse momento, foi pedido a ajuda da coordenadora para, em um trabalho conjunto, olhar as imagens, separar as que ela pensava serem mais importantes,

categorizá-las em temas e escolher quais outras imprimir para utilizar em uma oficina. De uma coleção de fotografias desdobrou-se outra. A coleção de fotografias foi tomada como um cristal bruto que espelha um todo (WOHLFARTH, 1986), o todo do trabalho da equipe do CREAS. Tal como uma catadora/colecionadora (WOHLFARTH, 1986) é que vi nas fotografias a possibilidade de reinvenção de uma história em um momento em que o futuro se encontrava ameaçado pela saída de tantas trabalhadoras em um mesmo momento. A partir deste olhar é que foi feita a proposta de realizar uma oficina de fotografia com as mesmas.

Com a equipe do CREAS a oficina se desenvolveu em dois momentos: No primeiro, dentre a coleção de fotografias selecionadas pela coordenadora e pela pesquisadora, uma centena delas foi disposta ao chão para que as trabalhadoras olhassem, apenas. Depois de olhar, foi pedido que escrevessem ou desenhasssem, em enormes pedaços de papel pardo, dispostos ao chão, em torno das fotografias, o que viesse à cabeça sobre o que tinha sido visto. Após, foi realizada uma discussão sobre o que emergiu em todo o processo anterior.

Em virtude da premência do horário, foi agendado outro momento para continuar a discussão.

Fotografia 1: Oficina de fotografia com a equipe de assistência social: momento de olhar



Fonte: Fotografia produzida pela pesquisadora.

Nesse segundo momento da oficina foram dispostos, no chão, os cartazes confeccionados pelas trabalhadoras do CREAS, bem como, recortes de imagens, letras e frases de jornal que a pesquisadora havia coletado ao longo da pesquisa e que mostravam um pouco das visibilidades que lhe chamaram a atenção e também do olhar que fora construindo sobre a assistência social no contato com a equipe.

A presença desse material objetivava, ao mesmo tempo que ser um disparador para a retomada da discussão, também poder dar visibilidade ao que foi possível ver da assistência, aos olhos da pesquisadora, em um processo de restituição (LOURAU, 1993; PADIGLIONE e FATIGANTE, 2011) à equipe. Dessa forma as trabalhadoras não apenas conheceriam as reflexões que a pesquisadora estava fazendo a respeito do trabalho, como poderiam operar sobre as mesmas, em uma construção conjunta da pesquisa. Nesse encontro, além da continuidade da discussão, foi realizada a avaliação de todo o processo da oficina e a combinação sobre o que fazer com o material produzido.

No decorrer da pesquisa com o CREAS, um doutorado sanduíche na Suíça oportunizou o contato com uma pequena equipe de trabalhadoras de um centro de animação sociocultural que realiza um trabalho preventivo de criação de laços comunitários entre os habitantes de um bairro da cidade. A equipe acolhe os que chegam através de atividades específicas para crianças, adolescentes e adultos ou para a comunidade como um todo. Situado no bairro onde a pesquisadora morou durante seu estágio no exterior, o contato se iniciou a partir do interesse de conhecer o trabalho social realizado na cidade de Lausanne. Da curiosidade e do interesse sobre os trabalhos realizados, pela pesquisadora, junto às trabalhadoras brasileiras é que emergiu a proposição de uma oficina de fotografia com o grupo suíço.

Com esse grupo foram realizados vários pequenos encontros prévios e uma reunião de apresentação do trabalho para os representantes dos dezesseis centros de animação sociocultural da cidade. Após esses momentos foi feita outra reunião com as três trabalhadoras com o qual se firmou o acordo de realização da oficina. Como essa equipe não estava familiarizada com o uso da fotografia para a problematização de seu próprio trabalho, nessa reunião, a pesquisadora mostrou três fotos produzidas pelo grupo de assistência e assessoria jurídica, explicando o processo e contexto no qual estas haviam sido feitas. O objetivo deste compartilhamento do trabalho realizado no Brasil foi o de sensibilização em relação às imagens e poder mostrar que o trabalho não precisaria ficar preso a uma representação do que faziam. Após o esclarecimento da proposta foi solicitado que as trabalhadoras realizassem três ou quatro fotografias de seu trabalho, no decorrer de duas semanas e com as câmaras que dispunham, para serem enviadas por e-mail para a pesquisadora que as organizaria para posterior apresentação.

Após a organização das imagens enviadas foi realizada a primeira parte da oficina de fotografia que contou com duas horas de trabalho. Como o centro não possuía aparelhagem de projeção e tratava-se de um pequeno grupo, as imagens foram visualizadas uma a uma, na tela do computador e a discussão foi sendo feita sobre cada uma delas: o porquê da produção daquelas imagens, o contexto, que questões surgiram ao realizá-las e o que emergia para a equipe ao vê-las. Neste momento foi possível ver e conversar somente sobre a metade das imagens produzidas. A pesquisadora anotou a discussão realizada e, destas anotações, fez um resumo para que as trabalhadoras tivessem acesso ao que fora discutido. Um outro encontro foi marcado, em outro dia, para que o trabalho tivesse continuidade e a pesquisadora entregou o resumo desse primeiro momento da oficina, em mãos, antes do segundo encontro de visualização e discussão se realizar. Novamente, durante mais duas horas de trabalho, se repetiu o processo de visualização das fotografias e reflexão sobre as mesmas e seu processo. Da mesma maneira a pesquisadora anotou e fez um resumo do discutido, que foi entregue para as trabalhadoras em um terceiro encontro, no qual foi feita a avaliação da oficina.

Oficinas de fotografia: visibilidades, dizibilidades e pensabilidades

No trabalho com a equipe de assistência e assessoria jurídica a fotografia possibilitou a emergência de várias temáticas importantes. A primeira que coloco em relevo é o trabalho de assessoria jurídica como uma estética da amizade, onde a equipe de trabalhadoras, ao invés de optar pela tradicional separação excludente entre assessoria e assistência jurídica, optou pela compreensão da assistência jurídica a partir dos princípios críticos da assessoria jurídica, operando uma invenção

em seu trabalho. Além disto, foi construída coletivamente a compreensão de que a assessoria e assistência jurídica em questão é um trabalho que busca parcerias, onde não há a atitude certa a tomar, mas soluções construídas em conjunto; um trabalho que “leva em consideração as trajetórias individuais e as peculiaridades de cada um(a)” (DIAS, 2011, p. 103). Tal trabalho se configura como uma estética da amizade “porque “desestabiliza”, porque põe a pensar tanto pessoas e comunidades atendidas quanto trabalhadores” (DIAS, 2011, p. 103).

A segunda temática importante que emergiu foi a categoria gênero como uma categoria em/de movimento, pois, ao fazer parte de “um campo teórico ‘aberto’, que está em contínua construção, marcado pelo debate e pela diversidade analítica” (DIAS, 2011, p. 122), capaz de desestabilizar as normatividades de gênero, constrói posturas que operam através da diversidade e da aceitação do múltiplo, se contrapondo à uniformização da vida e potencializando a abertura para as singularidades.

O terceiro tema diz respeito à interdisciplinaridade como possibilidade de fratura nos limites rígidos das disciplinas, onde o fazer conjunto fratura a dura delimitação entre saberes, dizeres e fazeres de cada disciplina presente na equipe (Direito, psicologia, ciências sociais), deslocando as trabalhadoras de seus lugares conhecidos enquanto profissionais e pessoas (DIAS, 2011).

Estas foram as temáticas que pungiram o olhar da pesquisadora, como diz Barthes (1984), aquilo que partiu da cena como uma flecha e feriu o olhar, não sendo possível isso não ver.

As oficinas de fotografia foram, então, uma oportunidade de visibilizar os próprios movimentos da equipe, as atividades, as temáticas mais importantes, enfim, seu próprio funcionamento.

Já com a equipe do CREAS, se deu um outro processo, mas também marcado pela variedade de temas importantes à mesma. Apesar do pedido de que olhassem em silêncio as fotografias dispostas ao chão, olhar, apenas, foi impossível mediante as intensidades que as imagens provocaram. Aos poucos, os cochichos e até mesmo lágrimas foram emergindo, assim como a necessidade de falar sobre alguma experiência conjunta.

Fotografia 2: Machucado em um usuário



Fonte: Fotografia produzida por uma trabalhadora do CREAS.

Uma questão surge em meio aos cochichos: “O que é isto? Um machucado?”. E a resposta: “Sim, é o senhor [nome do usuário] que tivemos que levar para o hospital lembra? Este curativo tem toda uma história. Um dia inteiro de investimento e de trabalho para se chegar neste curativo”. Outras falas emergem: “Olha aquela vez que atendemos o [nome de um usuário]”. “Olha a [nome de uma ex-colega] que trabalhou conosco, que saudades” (Ver nota 6). Após esse tempo de olhar, a pesquisadora estendeu, então, enormes pedaços de papel pardo ao longo dos quatro lados do espaço onde estavam

dispostas as fotografias e pediu que as trabalhadoras escrevessem palavras ou outras imagens que lhes viessem à cabeça em função do que haviam visto.

A partir de todo o processo vivenciado foi realizada uma discussão sobre o que havia emergido até então. A equipe, tomada pelas intensidades das separações e saídas de colegas, começou por falar dos afetos escritos nos cartazes e que diziam respeito ao luto, ao coleguismo, ao reconhecimento e à importância de um trabalho em conjunto. Após esse momento, uma trabalhadora disse que todos estes afetos estavam ali presentes, mas enquanto um serviço público outras coisas sobre o trabalho também estavam ali evidenciadas. Esta fala foi crucial para a mudança de direção da discussão e emergência de outros temas. As falas passaram a versar sobre: os modos de trabalhar com as usuárias, a precariedade das condições de trabalho, a inserção do trabalho do CREAS na política mais ampla de assistência social, a história de assistencialismo e benevolência da assistência social brasileira e como operar contrafluxos ao que não se deseja. O momento da equipe e o trabalho desenvolvido desde a criação daquele serviço também foi colocado em questão. Temas como relacionamento com outras políticas públicas, com o judiciário e com outros níveis da assistência social, estiveram presentes, ainda.

No segundo encontro, de todo o material oferecido pela pesquisadora emergiu um novo cartaz, confeccionado sobre os já existentes, com colagem dos recortes e novos escritos. A discussão sobre as temáticas do encontro anterior teve continuidade a partir destes disparadores. A equipe de trabalhadoras decidiu fixar, na parede do corredor térreo do prédio do CREAS, “onde todo mundo passa”, o cartaz resultante da produção coletiva, com a intensão de que as próprias trabalhadoras pudessem “olhá-lo de vez em quando” (Ver nota 6).

Nesse grupo que se pode dizer catador, colecionador de imagens de seu próprio cotidiano, já que as próprias trabalhadoras as produziram e guardaram, a fotografia foi por eles destacada em sua importância. Tratavam-se de fotografias-restos (WOHLFARTH, 1986), testemunhos de vidas a ocupar gavetas que o excesso de atividades impedia de abrir. A oficina de fotografia nesse caso, contribuiu para abrir as gavetas e visibilizar as imagens ali guardadas, quiçá, esquecidas, para fazê-las falar e ajudar a (re)construir, em ato, a própria história daquele grupo. Se o passado só se fixa no momento em que é reconhecido, oportunizar rever a própria história é fazer história, pois “Articular historicamente o passado não significa ‘conhecê-lo como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela lampeja no momento de um perigo.” (BENJAMIN, 2000, p. 2). E o CREAS corria perigo, o perigo de ter sua equipe desmantelada, sua história esquecida e seus personagens e feitos dispersos. Nos momentos da oficina de fotografia o grupo pode, então, em um tempo “saturado de agoras” (BENJAMIN, 2000, p. 6) reinventar sua história.

Já com as trabalhadoras da animação sociocultural de Lausanne, temáticas relacionadas às características da animação sociocultural emergiram ao longo de três encontros: acompanhar sem dirigir, construir juntos, relação com a natureza, lidar com os imprevistos e relacionamento com a comunidade.

Fotografia 3: Trabalho militante



Fonte: Fotografia produzida por uma trabalhadora da FASL.

A oficina propiciou ainda ver o trabalho como militante, de “subversão ao mundo existente”, pois “ser subversivo é retirar alguém de seu enquadramento” (Ver nota 6).

Sobre a relação com a entidade contratante foi colocada em foco a dificuldade de planejamento e avaliação do trabalho por parte da mesma.

Também a dificuldade de administrar o *turnover* das trabalhadoras, problemas de comunicação entre a própria diretoria e com as trabalhadoras, dificuldade de definir papéis e objetivos e, ainda, a desconexão com o campo de trabalho, foram temas trazidos. Ao mesmo tempo, uma liberdade de planejamento e atuação dentro de cada centro foi percebida, o que agrada as trabalhadoras, mesmo trazendo uma maior responsabilidade para fazer o trabalho atingir seus objetivos, na sua visão.

Dentre as questões políticas, as trabalhadoras visibilizaram um hiato entre a administração da cidade e os objetivos dos centros de animação sociocultural. Na visão destas, a administração da cidade objetiva a visibilização perante o eleitorado e coloca a animação sociocultural em um lugar de marketing da cidade, um lugar de uso político e não social, enquanto as trabalhadoras objetivam a mobilização social através de um trabalho democrático que se confronta com a hierarquização da administração. Nessa dinâmica, a fundação fica entre as trabalhadoras e a administração da cidade, muitas vezes, cedendo ao medo de perda de financiamento.

Com essa equipe de trabalhadoras, a oficina de fotografia proporcionou uma parada para pensarem sobre o próprio trabalho, pois “Há sempre muita coisa a fazer, então, não costumamos parar para pensar muito sobre os assuntos que falamos aqui”. Outra trabalhadora disse que foi possível “tomar distância do trabalho”, pois “Se colocou questões que não se colocaria estando dentro, no dia a dia.” E o outro disse ainda que “Jamais tinha parado para olhar, desta maneira, para uma fotografia” (Ver nota 6).

O pedido de que a pesquisadora, por sua vez, falasse de sua visão a respeito do trabalho desenvolvido pela equipe, disparou uma conversa sobre semelhanças e diferenças com o trabalho desenvolvido no Brasil, permitindo que, a partir da alteridade, pudessem se ver de outra maneira. As trabalhadoras colocaram em relevo, por exemplo, a ausência da miserabilidade dentre suas usuárias e o fato de trabalharem em nível preventivo. Sem saberem da decisão ocorrida com as trabalhadoras da assistência social brasileira, a equipe da FASL sugeriu que as fotos fossem colocadas na parede para “vermos seguidamente, entre uma atividade e outra, quando passarmos por elas” (Ver nota 6).

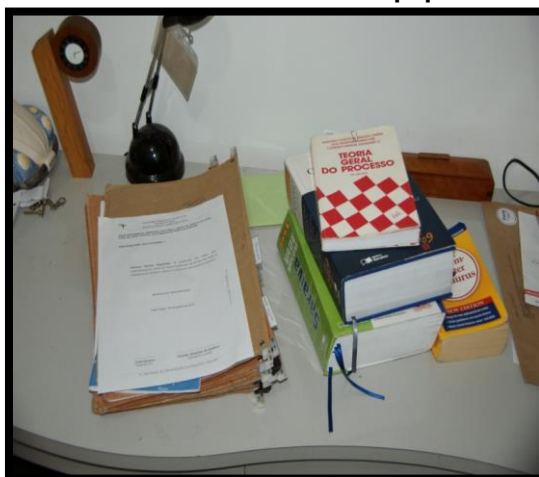
Com este grupo, a oficina propiciou um olhar exotópico (AMORIN, 2014) da equipe sobre si mesma, onde, neste movimento de deslocar-se do olhar do sujeito que vive, puderam se distanciar da experiência a partir de um olhar construído naquele momento, junto com as colegas e com a mediação das fotografias e da pesquisadora. Neste sentido, também podemos dizer que este grupo construiu sua própria história, constituída nos “agoras” (BENJAMIN, 2000) dos diversos momentos da oficina de fotografia. Construção essa muito importante, tendo em vista seu momento de reconstituição devido à recente entrada de um novo trabalhador.

Construção de coletivos através das oficinas de fotografia

As oficinas de fotografia, com as três equipes, apresentaram especificidades e ao mesmo tempo aspectos em comum: nas diversas situações e condições, propiciaram aos participantes confrontar diferenças e vivenciar processos de reconstrução de si, com características e efeitos singulares em razão dos movimentos de cada uma das equipes com as quais se trabalhou.

No grupo de assistência jurídica, assumir o lugar de fotógrafo foi fundamental. Na medida em que as imagens foram levadas para discussão conjunta, inúmeras ideias foram sendo compostas no coletivo de trabalhadoras e as imagens de si mesmo foram, no encontro com as diferenças e as possibilidades de diferir, sendo alteradas. Ao se deparar com a tarefa de realizar imagens fotográficas, uma das trabalhadoras levantou a questão da separação indivíduo- grupo. Ela relatou que teve vontade de fazer algumas fotos, mas ficou se perguntando se aquilo realmente dizia respeito ao grupo ou somente a ela mesma.

Fotografia 4: Material de trabalho da equipe sobre bancada



Fonte: Fotografia produzida por um trabalhador do SAJU.

Na experiência de olhar, falar, reolhar, rediscutir e ouvir, as falas começaram a considerar o quanto as experiências vividas no trabalho se entranhavam em cada uma e passavam a fazer parte de suas vidas e delas mesmas, sendo impossível dividir categoricamente o que é do grupo e o que é de cada pessoa.

Ver e falar sobre fotografias, a partir de uma visão agonística, propicia a reflexão sobre os fluxos de poder em que elas estão imersas e sobre os regimes de visibilidade de um estrato histórico que nos possibilitam ver algumas coisas e não ver outras (DIAS, 2016; TITTONI, 2009).

O colocar-se no lugar de fotógrafo, problematizar seu próprio processo e o trabalho desenvolvido levou a equipe a um “entre”, para além da dicotomia indivíduo-grupo, onde não se encontram entidades circunscritas e bem definidas (BARROS, 1998, 2007), algo que não é de ninguém em particular porque é de todas, e ao mesmo tempo diz respeito a cada uma.

A discussão sobre a autoria das fotografias e a conclusão de que deveriam ser creditadas à equipe, e não às pessoas que as produziram, porque o pensamento utilizado para se chegar à sua construção foi um pensamento coletivo, também evidencia a presença de um “entre”: “entre” pensamentos, “entre” conversas, “entre” produções e atividades, “entre” vida no trabalho/vida privada.

Quando a equipe se permitiu estar no “entre”, se permitiu processos de coletivização, pois o “entre” incide na linha subjetivação-indivíduo não só através das conexões entre pessoas diferentes, mas também entre diferentes modos de existir, criando campos de confrontos, de interrogações e de criações (BARROS, 1998, 2007). E esta equipe habitou o “entre” na medida em que pode produzir um “pensamento coletivo”, que resguardou as diferenças individuais que existiam e, ao mesmo tempo, gerou uma criação que não está em um ou no outro, mas entre todos (ESCÓSSIA, 2009; ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005). Nesse coletivo, as interrogações, os confrontos e as criações foram muitas. Lugar de experimentações, a equipe “entre” vivenciou o contato com vários fluxos e dimensões de existência até então não incluídos naquele território. Tais experimentações permitiram tensionar e transformar a tradicional dicotomia assistência-assessoria, alardeada na entidade, e construir um trabalho de assistência não individualizado. Isso ocorreu porque as trabalhadoras puderam compreender que não é o fato de atenderem uma pessoa individualmente o que leva à individualização, mas sim uma forma de ver suas demandas e lidar com as mesmas.

Já com as trabalhadoras do CREAS o processo de coletivização se deu de outra forma: fundamentou-se no olhar para sua própria história, objetivada em fotografias que se apresentaram como dispositivo de memória. Em um momento de dissolução de uma equipe e reestruturação de outra, as oficinas de fotografia se apresentaram como fundamentais no processo de intervir-coletivizar. Os encontros contribuíram para que todas pudessem visualizar que o trabalho era de cada uma e ao mesmo tempo de todas; que cada uma deixa uma marca singular e inigualável, mas que esta compõe uma trama maior, somente possível coletivamente.

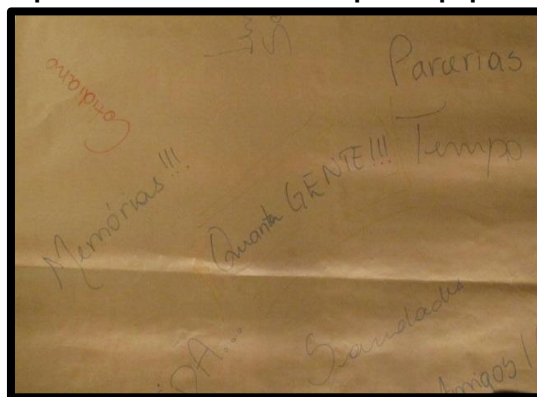
As oficinas de fotografia operaram, em conjunto com outras situações, como átimos de integração dos novos, de despedida dos antigos e de reconstrução de sua própria história. A reunião em torno das fotografias tornou-se uma possibilidade de visibilizar, através de uma centena de imagens produzidas pelas próprias trabalhadoras, desde a formação do serviço até aquele momento, a construção de um trabalho ao longo do tempo.

A possibilidade de rever a própria história, concretizada com a oficina de fotografia, foi fundamental para a equipe. Pesquisadora e trabalhadoras assumiram o lugar social de coletoras e colecionadoras de vestígios, de marcas de um trabalho que persiste ao longo do tempo não como um

igual que permanece, mas algo que se transforma em cada circunstância, em cada momento. E se transformou, também, no ato mesmo da oficina de fotografia.

Uma construção coletiva da memória onde rememorar não quer dizer lembrar de tudo o que ocorreu, do jeito que ocorreu, mas agir sobre o presente a partir da reconstrução das vivências do passado (GAGNEBIN, 2006; PENIDO, 1989).

Fotografia 5: Escritos produzidos nos cartazes pela equipe na oficina de fotografia



Fonte: Equipe de trabalhadoras do CREAS.

Nesse grupo é a construção dessa história e dessa memória o que se coloca como o “entre”, como a criação que só é possível no conjunto das trabalhadoras, nesse plano relacional produtor de sentidos (ESCÓSSIA, 2009; ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005).

Quanto às trabalhadoras da FASL, as oficinas de fotografia operaram como uma possibilidade de (re)ver o próprio trabalho, uma parada no tempo do trabalho, na “correria do dia a dia” para olhar, pensar, refletir, afinar ou evidenciar as discordâncias entre os seus olhares.

Em meio ao tempo medido, pago e controlado do trabalho, produzir e olhar fotografias pode causar desassossego. O controle do tempo é uma das técnicas disciplinares do trabalho capitalista para manter os corpos dóceis e produtivos “e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício” (FOUCAULT, 2009, p. 145). Os gestos devem ser medidos e controlados no tempo. Pois o olhar também.

Para Barthes (1984), uma das práticas (ou intensão ou emoção) da fotografia é o suportar. Sustentar o olhar sobre uma fotografia pode trazer efeitos inusitados. Como diz Prudente (2012), o convite a sustentar o olhar sobre fotografias pode provocar rupturas na dinâmica dos contextos de trabalho, pois “sustentar um olhar é ter uma posição reflexiva” (PRUDENTE, 2012, p. 65-66). Nesse movimento de sustentar o olhar, o sujeito tem a possibilidade de reconfigurar o que vê e a si mesmo, inventando o mundo e se reinventando, reinventando seu trabalho e seu lugar de trabalhadora.

Para as trabalhadoras suíças, o ver fotografias pôde suscitar questões que na rotina do trabalho não teriam se colocado: “O que é a animação sociocultural? O que ela implica? O que é o animador na fundação para a qual trabalham?”. As trabalhadoras disseram, ainda, que a oficina propiciou confrontar as visões do trabalho entre elas, sendo que os diferentes olhares em algumas temáticas foram compondo um olhar coletivo sobre o próprio trabalho.

Fotografia 6: Différences, ouverture, partage (diferenças, abertura, partilha)



Fonte: Animador sociocultural da FASL.

Questões que não tinham sido aventadas antes e que transcendem o plano individual, como o trabalho de cada uma, os problemas de cada uma, caminharam na direção de uma desindividualização (BARROS, 1997). A pergunta “O que é um animador na fundação?” evidencia esse processo que ali foi engendrado com a mediação da fotografia.

Para elas, a forma de enfrentamento para as dificuldades passa pela coletivização e negociação das diferenças entre o grupo de trabalhadoras da fundação. Coletivização esta que na oficina foi possibilitada através do operar com as diferenças, manter as singularidades, produzir algo novo em conjunto em uma discussão que nunca havia sido feita naquele grupo e que fez emergir novas questões.

Considerações finais

Nas investigações realizadas com as diferentes equipes, as oficinas de fotografia não se produziram como técnica isolada, mas como ferramenta aliada a outras e ancorada em uma visão de pesquisa. Tratam-se de estudos que tem o acompanhamento dos grupos como uma ferramenta fundamental, sendo a fotografia, o olhar atento da pesquisadora para o que acontece na equipe e com a equipe, assim como os diferentes olhares das participantes, fatores importantes para a constante negociação e problematização das necessidades de cada trabalhadora e da própria equipe como um todo. Coletivização do próprio processo de pesquisa, portanto, foi o que aconteceu no encontro da pesquisadora com as trabalhadoras e destes com as fotografias.

O momento de propor e o que propor em cada oficina se deu a partir de indicativos das visibilidades que circulavam entre as próprias trabalhadoras, de como circulavam e da potência que as oficinas poderiam portar em cada situação de estudo. Momento em que o oferecimento da oficina precisa ser posto em questão, pois as condições de possibilidade de sua realização podem existir ou não. E isto depende também da intensidade dos instituídos, das linhas duras que atravessam cada equipe, de suas possibilidades e desejo de se debruçarem sobre o próprio trabalho.

Os resultados a serem obtidos no trabalho com a fotografia dependem, então, desse andar complexo que coloca em questão os instituídos (LOURAU, 1993) e seus fluxos de resistência (FOUCAULT, 2006b), assim como as possibilidades de cada grupo se debruçar sobre si mesmo e de tensionar as fronteiras dos visíveis presentes.

Cabe frisar que, no contexto deste artigo, foi trazido um pequeno recorte de uma caminhada muito mais longa e de resultados mais amplos, assim como um possível olhar sobre as forças de coletivização e, portanto, de resistência aos processos individualizantes. Mas as forças que procuram instituir estes últimos encontram-se sempre por perto, em um tensionamento constante. As oficinas de fotografia podem contribuir para a leitura dessas tensões, para o tensionamento das fronteiras dos visíveis e a produção de coletivos, e as experiências com as três equipes de trabalhadoras mostrou um pouco dessa potência. Esse trabalho, entretanto, cabe ressaltar, requer mais do que alguns encontros: necessário se faz investir no olhar para os processos grupais e nas análises coletivas destes processos, o que entendemos ser possível com a pesquisa-intervenção.

Assim, dentro desse contexto mais amplo do pesquisar, em pesquisa-intervenção, é que as oficinas de fotografia se colocam como instrumentos potentes, contribuindo para a construção de coletivos de trabalho.

Notas

¹ Tendo em vista as atuais discussões sobre a linguagem inclusiva de gênero e de pessoas deficientes, opto por escrever no feminino mesmo havendo a existência de homens nos contextos citados. Dessa forma coloco em relevo as mulheres que se encontram presentes, em grande maioria, como autoras desse artigo, enquanto trabalhadoras das equipes estudadas e também dentre as usuárias da assistência social e jurídica.

² Busca realizada na biblioteca virtual Scielo (www.scielo.br) em março de 2016, com a palavra-chave assistência, resultou em 103 subtemas diferentes, porém, apenas 59 artigos são sobre assistência social. Dentro desta categoria de busca, 25 dos estudos concentram-se nos anos de 2014, 2015 e 2016, mostrando o quanto o assunto é recentemente explorado. Já na busca por assistência ou assessoria jurídica, nenhum artigo foi encontrado. As produções sobre assistência jurídica (mesmo que escassas) concentram-se na área do Direito e as produções sobre assistência social concentram-se na área do Serviço Social.

³ Lourau (1993) aborda a importância das conversas de corredor, ou seja, dos momentos informais como material de fundamental importância para a compreensão de uma instituição. Conversas de corredor significa, então, no contexto deste escrito, os momentos informais na hora do lanche, de almoços, de festas de confraternização ou de conversas informais no ambiente de trabalho que têm alguma relação com o próprio processo de trabalho.

⁴ Para Rancière (1996, 2009, 2010, 2012a, 2012b) o sensível diz respeito ao mundo do perceptível, ou seja, ao que é possível ver, escutar, dizer, sentir, pensar e fazer.

⁵ Vik Muniz é um artista plástico brasileiro, radicado em Nova Iorque, que utiliza a experimentação de novas tecnologias e materiais inusitados e/ou perecíveis como açúcar, chocolate líquido, material reciclável, entre outros, para compor imagens e fotografá-las. As fotografias são o produto final do trabalho.

⁶ As falas das trabalhadoras do CREAS, assim como as falas das trabalhadoras da FASL, constam do Diário de pesquisa do estudo Práticas jurídicas e estética no trabalho em um Centro de Referência Especializada em Assistência social (CREAS): Regularidades, tensões, dispersões e criações. Tal estudo teve seu projeto qualificado e encontra-se em andamento como tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. A previsão de defesa é para 2017.

Referências

- AMORIN, Marília. Cronotopia e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 95-114.
- BARROS, Regina D. Benevides de. Dispositivos em ação: o grupo. In: SILVA, André do Eirado et al (Org.). *Saúde Loucura* 6. São Paulo: Hucitec, 1997, p 153-191.
- _____. *Grupo: A afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2007.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Sur le concept d'histoire. In: _____. *Ouvres III*. Paris: Gallimard, 2000, p. 427-443.
- _____. Pequena história da fotografia. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 91-107.

DALMASO, Karla. *A prática interdisciplinar na Política de Assistência social: O caso do CRAS de Abaetetuba/PA*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Belém, 2010.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus, 1993.

DIAS, Lúcia Regina Ruduit. *A assessoria jurídica universitária em direitos de gênero como uma estética da amizade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2011.

_____. A intervenção fotográfica em um serviço de assessoria jurídica universitária em direitos de gênero: O ato fotográfico rachando o visível e o dizível. In: ZANELLA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline. *Psicologia e fotografia: alguns ensaios*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016, p. 207-234.

ESCÓSSIA, Liliana da. O coletivo como plano de criação na saúde pública. *Interface*, Botucatu, v. 13, p. 689-694, 2009.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. *Ditos e escritos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 264-287.

_____. *Isto não é um cachimbo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 17 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006b.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, p. 231-249.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b, p. 253-278.

_____. *Vigiar e punir*. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FURMANN, Ivan. *Novas tendências da extensão universitária em Direito: Da assistência à assessoria jurídica*. 2005. Disponível em <http://jus.com.br/revista/texto/6481/novas-tendencias-da-extensao-universitaria-em-direito/1>. Acesso em: 9 abr. 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss de língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LOURAU, René. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993. Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/issue/view/24>. Acesso em: 27 de set. 2016.

LUZ, Vladimir de Carvalho. *Assessoria jurídica popular no Brasil: paradigmas, formação histórica e perspectivas*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

MARASCHIN, Cleci. Pesquisar e intervir. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 98-107, 2004.

MOTTA, Roberta; SCARPARO, Helena B. K. A psicologia na assistência social: transitar, travessia. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 230-239, 2013.

MOUFFE, Chantal. *El retorno de lo político*. Lisboa: Gradiva, 1996.

OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Os desafios e limites para a atuação do Psicólogo no SUAS. In: CRUZ, Lilian Rodrigues da; GUARESCHI, Neuza (Orgs.). *O psicólogo e as políticas públicas de assistência social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 35-51.

OLIVEIRA, Renata Ghisleni de. *Assistência-assessoria jurídica universitária e direitos da mulher: (trans)formações possíveis*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2010.

PADIGLIONE, Vincenzo; FATIGANTE, Marilena. O percurso da restituição: da documentação ao patrimônio. In: ZANELLA, Andréa; TITTONI, Jaqueline. *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011, p. 167-192.

PENIDO, Stela. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. *Cadernos do Departamento de Filosofia*, Rio de Janeiro, n. 1, jun.1989, p. 61-70.

PRUDENTE, Jéssica. *Tempo, trabalho e fotografia: a produção de práticas reflexivas nos jogos de verdade do trabalho em saúde*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, Brasil, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. A associação entre arte e política segundo o filósofo Jaques Rancière. *Revista Urdimento*, Florianópolis, v. 1, n. 15, p. 123-134, 2010.

_____. *O desentendimento*. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012a.

_____. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia ciência e profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

PENIDO, Stella. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. In: O que nos faz pensar. *Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*, n. 1, 1989, p. 61-70.

SENGRA, Carmem Magda Ghetti. *Psicólogos sociais em uma instituição pública de Assistência Social: Analisando estratégias de enfrentamento*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 2009.

SILVA, Cláudia Osório da; BARROS, Elisabeth Barros de. Oficinas de fotos: um método participativo de análise de trabalho. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1325-1334, 2013.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014.

TITTONI, Jaqueline. Sobre psicologia e fotografia. In: _____. *Psicologia e fotografia: experiências em intervenções*. Porto Alegre: Dom quixote, 2009, p. 7-23.

_____. O fotografar, as poéticas e os detalhes. In: ZANELA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline. *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011, p. 125-145.

WOHLFARTH, Irvin. Et cetera? De l'historien comme chiffonnier. In: WISMANN, Heinz. *Walter Benjamin et Paris*. Colloque International, 27-29 juin. Paris: CERF, 1986, p. 559-609.

Recebido em: maio 2016.

Aceito em: set. 2016.

Lúcia Regina Ruduit Dias: Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente da Faculdade Dom Bosco, Porto Alegre. E-mail: luciaruduit@gmail.com

Andréa Vieira Zanella: Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pós-doutora pela Università degli Studi di Roma La Sapienza (URS) e pela New School for Social Research (NSSR). Docente da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: avzanella@gmail.com

Jaqueline Tittoni: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutora pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: jatittoni@gmail.com